



VACINAÇÃO

Sem atingir metas, ministro apela aos pais

Campanha de imunização contra a poliomielite e outras doenças atingiu, até agora, apenas 65% do público alvo

» TAINÁ ANDRADE

No Dia Nacional da Vacinação, celebrado ontem, o Ministério da Saúde anunciou ter conseguido imunizar, até agora, 65,6% do público alvo, em todo o país, com as campanhas de imunização contra a poliomielite e de multivacinação — que abrange vacinas contra hepatites A e B, tríplice viral e tetraviral, pneumonia, meningite e otite, rotavírus, meningocócica C, febre amarela, tríplice bacteriana, HPV, varicela e meningocócica ACWY. Entre as crianças com menos de um ano apenas 44,8% foram vacinadas. As porcentagens ficaram bem abaixo da meta vislumbrada pela pasta, que é de 95%.

A campanha do ministério está em vigor há dois meses e teve o prazo final prorrogado para que não terminasse com metade da porcentagem anunciada ontem. A estimativa era de que fossem vacinadas contra a poliomielite 115 milhões de crianças. Mas, de acordo com o Secretário de Vigilância em Saúde, Arnaldo Medeiros, até o momento somente o estado da Paraíba ultrapassou a meta, com 95,09% de vacinados. O Amapá seguiu pelo mesmo caminho, com o segundo índice mais alto, 90,8%. Enquanto isso, Roraima está com a menor taxa de adesão à vacina, com 31,12%, seguida do Acre, com 35,64%.

“Nós temos na Região Amazônica grande dificuldade de logística de levar vacina para muitas comunidades. Isso pode impactar na distribuição e capilaridade das próprias vacinas”, ponderou o médico infectologista Hemerson Luz.

O ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, fez um apelo para que os pais levem os filhos para vacinar. E relacionou o baixo resultado da campanha a um problema mundial e à falta de vivência dos pais sobre os riscos do retorno da poliomielite. “A queda das coberturas vacinais acontece em todo o mundo, não só no Brasil. Em parte, se deve ao fato de as pessoas não se lembrarem o que representam doenças como a poliomielite. Os pais jovens de hoje não sabem o impacto que tem a poliomielite, então temos que continuar alertando para que tragam as crianças para as salas de vacinação”, justificou.

Entre outros motivos, o

ministro responsabilizou a pandemia, cujo reflexo foi o fechamento de escolas, pela diminuição da adesão à vacina. Segundo ele, o ministério foi quem tomou “medidas mais efetivas” para convencer a população a se vacinar sem “forçar”.

“É inaceitável que, em pleno século 21, tenhamos sofrimento de nossas crianças com doenças que já estão erradicadas há muito tempo. Desde 7 de agosto, temos feito um apelo a toda a nação brasileira para levar as crianças com menos de cinco anos para completar o esquema vacinal da pólio, e a meta é atingir 95% das cerca de 115 milhões de crianças que são aptas a receber essas vacinas”, declarou.

Mudança de postura

Socorro Gross, representante da Organização Pan-Americana da Saúde (Opas), entidade que é parceira do Brasil na aquisição de insumos relacionados à saúde, enfatizou a mudança de postura do ministério em relação à vacinação. Também elogiou o esforço para atingir a meta de imunização, ressaltando que o ato de se vacinar é um direito da população. “Toda pessoa tem o direito, mas também a responsabilidade de vacinar as crianças. A vacinação protege coletivamente o país. Não temos como atingir a vacinação se a comunidade não acredita”, afirmou Gross.

Marcelo Queiroga ponderou que o trabalho de cobertura vacinal deve ser feito em conjunto com a rede de segurança de vigilância em saúde e com os países vizinhos. “Porque só estaremos seguros quando todos estiverem seguros”, declarou. Além disso, ele vinculou os índices de cobertura vacinal às andanças que tem feito pelas unidades federativas para enfatizar a importância da imunização.

“Eu tenho andado de maneira incansável, às vezes saem matérias jornalísticas dizendo que eu uso muito o avião da FAB, mas também ando a cavalo. Como fui na cidade de São José da Lagoa Tapada para vacinar crianças, como símbolo do nosso esforço, como símbolo de quem ocupa a principal posição do sistema de saúde do Brasil, para honrar a nossa tradição, para dar o exemplo”, salientou o ministro.

Julia Prado/MS



Marcelo Queiroga (ao centro) reconhece descumprimento dos objetivos, mas alega que queda da cobertura vacinal ocorre em todo o mundo

Cenário de risco

O Brasil celebra o Dia Nacional da Vacinação com os piores índices de cobertura vacinal dos últimos 30 anos, inclusive com a suspeita de retorno de doenças já erradicadas, como a poliomielite

Estados com altas taxas de vacinação para pólio:



Regiões com baixas taxas:



65,6%

da população brasileira se vacinou

44,8%

foram crianças com menos de um ano

Mais de R\$ 40 bilhões anuais

Valor estipulado pelo ministro da Saúde exclusivamente para aquisição de vacinas

A meta de vacinação é de **95%**

O Ministério da Saúde pretende imunizar

11,5 milhões de crianças

Desde 2017, a meta da vacinação da poliomielite não é alcançada

Fonte: Ministério da Saúde

Linguagem

O infectologista Hemerson Luz afirma que não adianta ter um plano de vacinação modelo se a população não está engajada. Segundo o especialista, há falta de atenção do ministério em relação à linguagem utilizada nas campanhas.

“Eu acho que apesar das campanhas do Dia D, de colocar as cadernetas em dia, ainda não são suficientes para alcançar a população que está faltando. Talvez tenha que mudar a linguagem, usar mais redes sociais, usar uma linguagem mais moderna, focar naquelas regiões e populações que estão precisando. Tem que ter uma linguagem para o jovem que toma a vacina de HPV, uma outra para mostrar aos pais que é importante a vacinação, e assim vai”, explicou Luz.

Para ele, o discurso antivacina atrapalhou, mas não chegou a impactar a cultura vacinal existente no Brasil. “O que tem que ser feito é reforçar, fazer campanhas fortes, assim a cultura vacinal pode ser resgatada. A população relaxou porque está menos exposta ao risco ou porque acha que ele é menor pela pandemia ter esfriado, mas temos que quebrar isso com uma campanha educacional bem colocada e bem feita”, defendeu.

TRAGÉDIA

CBMMG/Divulgação



Oito pessoas ficaram feridas. Entre os mortos, duas crianças

Acidente em Ouro Preto (MG) deixa sete mortos

» CLARA MARIZ
» MAICON COSTA

Belo Horizonte — Um grave acidente, envolvendo quatro veículos, tirou a vida de sete pessoas no km 85 da BR-356, em Ouro Preto (MG) na noite de domingo. A ocorrência chamou a atenção por ter deixado quatro mortos em um dos carros envolvidos e três em outro, enquanto outras oito pessoas ficaram feridas. Dois dos mortos eram crianças.

Duas mulheres e um menino

de 10 anos ainda estavam internados até a noite de ontem. A criança permanecia na Santa Casa de Ouro Preto e as demais vítimas, no Hospital João XXIII, em Belo Horizonte. Cinco ocupantes dos quatro veículos envolvidos receberam alta após serem atendidos na cidade histórica da Região Central de Minas.

De acordo com o boletim de ocorrência, um dos motoristas invadiu a contramão, em ultrapassagem proibida, quando surpreendeu o condutor de outro carro. Esse veículo

acabou rodando na pista e colidindo de frente com outros dois. Segundo a Polícia Militar Rodoviária, dois dos quatro motoristas envolvidos no acidente em Ouro Preto não tinham Carteira Nacional de Habilitação. Ambos morreram, entre eles o suspeito de provocar o desastre. Um terceiro veículo estava com a documentação vencida.

Fator humano

Para o especialista em educação e segurança no trânsito

e professor do Departamento de Engenharia de Transportes do Cefet-MG, Agmar Bento Teodoro, o fator humano é decisivo em acidentes como esse. “Há algumas situações, como a qualidade da via, que podem influenciar o comportamento dos usuários. Mas casos como o uso de álcool, uso de celular, ultrapassagens em locais proibidos ou em condições inapropriadas e prática de velocidade inadequada são ações que comumente estão presentes nos sinistros de trânsito”, afirmou.